

Fundos agressivos perdem com desvalorização

Fábio Alves*
de São Paulo

A desvalorização de 8,24% do real acarretou pesadas perdas a fundos de investimentos que estavam fortemente vendidos no mercado futuro de câmbio na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F). Como consequência, vários fundos não conseguiram honrar com os pedidos de resgate das cotas de investidores que ficaram alarmados com as notícias de perdas. Quase todos os fundos estão na categoria dos chamados derivativos agressivos, que são de elevado grau de risco. O pecado capital foi o de estarem alavancados várias vezes o patrimônio líquido das carteiras em posições vendidas nos contratos futuros de dólar antes da mudança na política cambial.

Entre os fundos mais afetados pelas perdas estão os administrados pelo DES-Boavista Espírito Santo DTVM, empresa de gestão de recursos ligada ao Banco Boavista-Interatlântico. Outra instituição bastante afetada foi a Marka Nikko Asset Management, uma associação entre o Banco Marka e a empresa japonesa Nikko Securities. Comentários de participantes do mercado incluem os fundos do Banco FonteCindam como os que estavam com dificuldades, inclusive, de pagar aos cotistas (ver página B-2).

O Boavista teve vários fundos com perdas significativas das cotas de ontem, dia 14. O Boavista Hedge 60, um fundo derivativo agressivo, perdeu 51,01%, ou seja, o patrimônio do fundo foi reduzido a metade em apenas um dia. O Boavista Hedge Institucional, carteira voltada a investidores como fundos de pensão, teve queda de 66,4% no valor das suas cotas. O Boavista Derivativo 60 — aberto a captação do público como o Hedge 60 — teve perda de 29,19%. Outras carteiras administradas pela instituição também tiveram fortes variações negativas.

Nelson Passaroff, responsável pela DES-Boavista Espírito Santo, deu, ontem, a seguinte explicação pelo ocorrido: "O ano começou com situação razoavelmente positiva: as bolsas internacionais subindo, o fluxo cambial no Brasil controlado, no-

Com alta alavancagem do patrimônio líquido das carteiras em posições vendidas nos contratos futuros de dólar, algumas instituições não honram os pedidos de resgate de cotas

tícias favoráveis no Congresso e o Banco Central fornecendo bastante 'hedge' cambial. O mercado não tinha nenhuma expectativa de desvalorização cambial em janeiro, mas ela infelizmente aconteceu. Estamos constrangidos com a situação".

Ao apostar nesse cenário, o Boavista estava operando no FIF Hedge 60, por exemplo, com uma alavancagem de quatro vezes o seu patrimônio líquido, que antes da mudança no câmbio era de aproximadamente R\$ 50 milhões. Ou seja, o fundo estava vendido no câmbio futuro da BM&F uma quantia equivalente a R\$ 200 milhões. Daí, a perda de 51% no valor das cotas em apenas um dia. Agora, o seu patrimônio

líquido é R\$ 17,6 milhões.

"No mínimo, é uma irresponsabilidade estar alavancado quatro vezes o patrimônio num período tão ruim e turbulento da economia", desabafou o engenheiro Fernando Feher, cotista do Boavista Hedge 60. Ele foi um dos vários clientes que correram, ontem, para pedir o resgate das cotas, mas a instituição não pôde pagá-los. Segundo Nelson Passaroff, a instituição não conseguiu atender aos pedidos de saque porque as margens depositadas na BM&F (na forma de títulos públicos federais) não puderam ser retiradas devido à limitação das operações no mercado futuro estabelecidas pela própria bolsa como mecanismo de

proteção em períodos de crise. Com isso, muitos participantes não podiam zerar as suas posições e assim reaver as margens depositadas. O Boavista montou uma central de atendimento, segundo Passaroff, para responder as reclamações de investidores.

Outra instituição que registrou perdas com a desvalorização cambial, o Marka Nikko Asset Management, informou, através da sua assessoria de imprensa, que está conseguindo honrar os pedidos de saque pelos seus investidores. O Marka Nikko Derivativo Plus, fundo da categoria derivativo agressivo, sofreu uma perda de 29,8%. O fundo também estava vendido em dólar futuro

na BM&F. A explicação da assessoria de imprensa do Marka é a seguinte: "As perdas são proporcionais ao grau de agressividade do fundo. A instituição acreditava que a crise e a desvalorização iria acontecer apenas no segundo semestre deste ano. O Marka Nikko não imaginava que a velocidade dos acontecimentos seria tão rápida. A instituição se apoiou no cenário traçado por uma consultoria econômica, que influenciou na postura do Marka Nikko de não apostar numa crise no curto prazo".

O Banco Bozano, Simonsen também foi outra instituição que registrou perdas nos seus fundos derivativos. (Cont. B-6)

